

# **A revista *O Pequeno Luterano* e a circulação nas escolas paroquiais luteranas no Rio Grande do Sul (1930-1966)**

Patricia Weiduschadt\*

<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201407509>

## **Resumo**

Este artigo aborda a inserção da revista *O Pequeno Luterano* nas escolas paroquiais na região meridional do Rio Grande do Sul, orientadas pela instituição luterana do Sínodo de Missouri, atual IELB (1930-1966). O impresso era destinado ao público infantil e, mesmo não sendo editado como material didático, legitimou-se no espaço escolar. A validação na escola, em parte, consolidou-se em virtude dos objetivos e dos conteúdos reforçados pela edição da revista: educação doutrinária, interlocução com os leitores, educação cívica, orientação aos professores. O conjunto de dados analisados permite afirmar que o impresso foi um forte veículo informativo e educativo utilizado nas escolas paroquiais, demarcando e constituindo – em especial, pela interlocução institucional da revista com a realidade educacional – uma educação doutrinária entre leitores aos quais se destinou.

\* Professora efetiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (Fae- Ufpel). Pelotas, RS, Brasil.  
prweidus@gmail.com

## **Palavras-chave**

Escolas paroquiais, impresso, doutrina luterana.

## ***“The Little Lutheran” magazine and its circulation in the Lutheran parochial schools (1930-1966)***

### ***Abstract***

*This paper discusses how the magazine “O Pequeno Luterano” (The Little Lutheran) was used in parochial schools in the southern region of Rio Grande do Sul that were guided by the Lutheran institution Synod of Missouri, today “IELB” (1930-1966). The analysis shows that the magazine was destined to children, and, even not being edited as teaching material, was widely used by the parochial schools as an educational and informative media. Its popularity derived at least in part from its objectives and content: doctrinal education, dialogue with readers, civic education, and guidance to teachers. Particularly important for the success of the magazine was its institutional dialogue with the educational reality.*

### ***Keywords***

*Parochial schools, magazine, Lutheran doctrine.*

## Introdução

Diante da importância do uso dos impressos<sup>1</sup> para entender processos educativos, este artigo apresenta a análise da revista *O Pequeno Luterano*. O referido periódico, tendo objetivos religiosos e educativos, fez parte de um projeto de educação de uma instituição religiosa luterana, voltada para o público infantil, tendo como meta a difusão de princípios doutrinários, servindo, ainda, como apoio didático nas escolas paroquiais.

Neste artigo, destacam-se a importância e as representações da revista *O Pequeno Luterano* em escolas paroquiais e na educação familiar no contexto pomerano da região meridional do Rio Grande do Sul. Esta revista era direcionada a crianças e produzida pelo Sínodo de Missouri, instituição religiosa luterana originária dos Estados Unidos, que se instalou no Brasil em 1900 e atualmente é denominada Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

A educação e as relações do Sínodo de Missouri no contexto pomerano foram discutidas anteriormente, em dissertação de mestrado (Weiduschadt, 2007), com recorte temporal diferente, abordando, em especial, os primórdios da fundação do Sínodo. Entretanto, neste estudo é feito o recorte de um dos meios educativos utilizados pelo Sínodo: a revista *O Pequeno Luterano* – originalmente *Kinderblatt*, editada em alemão gótico em 1931 e, a partir de 1939, com a nacionalização<sup>2</sup> do ensino, editada em português até 1966.<sup>3</sup>

Ao longo do tempo, a revista demonstrou crescimento considerável, não só em quantidade, pelo aumento do número de páginas, como também em qualidade. A melhora no aspecto estético do material foi gradualmente significativa. As trocas dos editores responsáveis foram constantes, mas todos eles tinham o mesmo perfil profissional e religioso: foram pastores e professores, formados pela Igreja do Sínodo de Missouri.

**1.** Nas últimas décadas, com a influência da História Cultural (Burke, 2005), o estudo dos impressos auxiliou, sobretudo, as análises dos estudos em história da educação. Para saber mais, ver Souza e Gatti (2002).

**2.** A política de nacionalização do Governo Vargas teve como alvo a centralização do ensino. As escolas de imigração sofreram repressão, proibiu-se a língua alemã no espaço escolar, nas igrejas, na imprensa, enfim, na vida cultural, religiosa e educativa das comunidades étnicas, a partir do final da década de 1930. Essa política foi um divisor de águas na organização e na cultura escolar dessas comunidades. Por isso, os impressos foram obrigados a interromper a circulação em língua germânica. Para saber mais sobre a política de nacionalização, ver Schartzmann, Bomeny e Costa (1984).

**3.** O acervo pesquisado pertence à Biblioteca do Seminário em São Leopoldo, RS. Num primeiro momento, foi feito levantamento geral dos conteúdos da revista e, assim, observou-se a grande ênfase, nas suas páginas, na preocupação com a formação infantil educativa religiosa e a constante interlocução com as escolas mantidas pela instituição. Desse modo, fotocópias de todo o material foram reproduzidas. Então, a revista foi analisada a partir do banco de dados assim construído. O material foi detalhadamente categorizado e dividido em eixos, representando os principais conteúdos. Para se ter uma ideia dos dados, a revista – que teve circulação mensal e bimestral – gerou, na catalogação final, 277 números de periódicos pesquisados, totalizando 2.339 páginas e 2.753 títulos de histórias e chamadas, agrupados em 18 eixos, cruzados com subeixos, para avaliar o número de recorrências. O banco de dados permitiu o cruzamento de dados para melhor operacionalização do trabalho, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo.

Na primeira parte do artigo, contextualizam-se as escolas paroquiais na realidade pomerana e sua formação, mesmo antes da edição da revista. Do mesmo modo, discute-se a ênfase doutrinária apresentada na revista por meio de eixos de análise construídos<sup>4</sup>, como: histórias bíblicas, festas religiosas e lição de moral (conteúdos religiosos e doutrinários), todos eles relacionados com a religiosidade, pretendendo compreender o uso da revista pelo professor como suporte didático. Aborda-se, aqui também, a comunicação entre os leitores e a redação da revista (conteúdos da relação entre a redação e os leitores), sendo o leitor, muitas vezes, representado como o aluno e o professor da escola paroquial, e a redação da revista tentando efetiva interlocução com os destinatários por meio de campanhas e de propaganda.

Diversas práticas de orientação e de controle moral e religioso estiveram presentes nos textos, caracterizando uma cultura escolar específica nos leitores/alunos como, por exemplo, práticas de decorar textos ou memorização do catecismo e da Bíblia. Assim, este trabalho foca as relações entre as orientações da revista e as práticas religiosas e escolares, especificamente no interior das escolas paroquiais.

Como suporte metodológico, busca-se apoio nos estudos sobre a leitura de Roger Chartier (1992, 1996a, 1996b, 1996c, 2000, 2002), que considera a prática de ler não universal e única, mas construída a partir de um contexto dado. Desse modo, pretende-se perceber os modos de produção, de circulação, de edição e de apropriação da revista *O Pequeno Luterano* entre escolas paroquiais. O periódico era produzido por editora constituída logo no início da fundação do Sínodo de Missouri<sup>5</sup>, tinha objetivos definidos e buscava atender demandas de leitores de todas as faixas etárias, por isso mantinha publicações direcionadas para crianças, jovens e adultos, além de outras, diferenciadas, para leigos e pastores.

Parte-se do pressuposto de que, se o texto foi produzido para atender um público específico, a sua leitura vai depender da atitude e das práticas dos leitores, e das condições em que esses leitores apreendiam os textos.

**4.** Na minuciosa análise da revista, muitos eixos foram sendo construídos a partir dos conteúdos publicados nesse periódico. Os principais eixos agrupados por temáticas foram: conteúdos lúdicos, conteúdos religiosos e doutrinários, conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico, conteúdos da relação da redação com os leitores e conteúdos ilustrativos e publicitários.

**5.** A editora Concórdia foi fundada em 1903, em Porto Alegre-RS, inicialmente como filial da Concordia Publishing House, dos Estados Unidos, mas, já na década de 1920, conseguiu autonomia no Brasil.

*[...] la relación de la lectura con un texto depende, por supuesto, del texto leído, pero también del lector, de sus aptitudes y prácticas y de la forma material en que aborda el texto leído o escuchado. Si uno se interesa en el proceso de la producción del sentido, esta es una trilogía absolutamente indisoluble. El texto implica signifi-*

*caciones que cada lector construye partiendo de sus propios códigos de lectura cuando recibe ese texto presentado en una forma determinada o cuando se apropia de él [...] (Chartier, 2000, p. 91).*

As práticas das leituras e a apropriação pelos leitores dependem da produção e da circulação dos textos, da sua materialidade, mas, ao mesmo tempo, o leitor pode reconstruir essas práticas a partir do que faz sentido para ele. Ora, o sentido do texto apreendido pelo leitor, na maioria das vezes, forma-se pelas relações sociais e culturais em que ele se encontra no grupo, especialmente, no caso de grupos comunitários religiosos. As formas de leitura da revista *O Pequeno Luterano* – ou outras leituras indicadas pela instituição religiosa – circulavam no espaço escolar: toda a classe lia praticamente os mesmos tipos de textos, pois era determinado que os professores usassem a revista e a literatura religiosa como aparato didático. Entretanto, afirma Chartier (2002, p. 56): “[...] Jamais o texto, literário ou documental, pode anular-se como texto, isto é, como um sistema construído segundo categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento que remetem às suas próprias condições de produção [...]”.

A revista produzia e compilava textos maiores, mais complexos e de cunho doutrinário, e buscava adaptá-los à realidade infantil, mas o que se via era a dificuldade de entendimento do texto. Então se pode supor que textos lúdicos fossem usados como estratégia para cativar os leitores: buscava-se chamar atenção das crianças, inserindo a doutrina com aspectos de ludicidade. A publicidade também foi utilizada como recurso para sobrevivência da revista, para angariar fundos e ampliar o público leitor. A revista foi produzida na tentativa de idealização da formação cristã do leitor, projetando-o para o futuro, mas circulava e sobrevivia fortemente relacionada com a escola, com os professores e na dependência dos anúncios publicitários. Mas o texto não é descontextualizado: as intencionalidades de *O Pequeno Luterano* ser uma revista infantil e suas especificidades perpassam diferentes espaços: o familiar, o escolar e o religioso. As apropriações são múltiplas e estão relacionadas com determinada tipologia do texto:

[...] A relação do texto com o real constrói-se de acordo com modelos discursivos e recortes intelectuais próprios de cada escritura. O que leva a não tratar as ficções como meros documentos, supostos reflexos da realidade

histórica, mas a estabelecer a sua especificidade enquanto texto situado em relação a outros textos e cuja organização e forma visam a produzir algo diferente de uma descrição. O que conduz, a seguir, a considerar que os “materiais-documentos” obedecem, eles também, a procedimentos de construção onde se investem os conceitos e as obsessões de seus produtores e onde se marcam as regras de escritura particulares ao gênero de que fazem parte. [...] (Chartier, 2002, p. 56, grifos do autor).

A revista buscava formar a criança de acordo com os aspectos religiosos, mas, em certa medida, valorizava sua formação geral, alinhada aos princípios de Lutero. Por isso, contempla conteúdos da disciplina secular, para poder relacionar, ao projeto religioso, aspectos lúdicos e ser veículo de entretenimento e interatividade, representados nas práticas de interlocução com os leitores: o envio de cartas com respostas para as charadas e as adivinhações propostas pelos redatores.

O uso do recurso lúdico no texto, em forma de charadas, piadas e adivinhações, volta-se para a formação infantil, mas percebe-se a utilização desse gênero relacionado também a outros textos que devem ser mais valorizados. A relação com outros textos e a coerência que se tenta manter na produção do impresso, para maior controle, está dentro de uma lógica na apresentação da revista. Por exemplo, as datas importantes do ano letivo (datas comemorativas) e do ano litúrgico (festas religiosas) apresentam-se com regularidade nessa publicação, em textos e excertos que lembram história com lição de moral, curiosidades, saberes escolares. No final de cada número da revista, aparecem as charadas, as adivinhações, a proposta de interatividade com a criança. Criam-se protocolos de leituras, orienta-se o leitor infantil e também a família e a escola quanto à forma de interagir na prática dessa leitura. A revista tenta dar destaque, nas páginas iniciais, aos textos doutrinários e seculares, e somente depois apresenta os textos lúdicos. Mas as apropriações podem se dar de outras formas, demonstradas na grande quantidade de cartas dos leitores com respostas às charadas e às adivinhações.

## Escolas paroquiais no contexto pomerano

As escolas paroquiais nesse contexto foram criadas, na sua maioria, antes da chegada do Sínodo ao Brasil. Foram organizadas desde a imigração, em meados do século XIX, mas o enfoque que a instituição do Missouri pretendia demarcar foi acen-

tuado na preparação de seus professores e pastores, para garantir ênfase doutrinária nos princípios educativos.<sup>6</sup>

Não bastava que as escolas tivessem o conhecimento secular e geral do saber, pois, antes de tudo, a preocupação recaía num conhecimento doutrinário específico, um conhecimento ortodoxo, bíblico, conhecimento da doutrina de Lutero. Por isso, além da formação dos professores, o currículo das escolas precisava estar organizado com esses princípios, assim como as práticas escolares eram circunscritas pelas práticas religiosas definidas, como uso de orações no ambiente escolar, leituras e atividades com base nas histórias bíblicas e aprendizado dos cânticos religiosos. Nas referidas escolas, o alvo central do currículo era a religiosidade<sup>7</sup>, mas, além dessa prática na organização escolar, o uso de impressos poderia reforçar ainda mais o conhecimento doutrinário. Desde o início da fundação, o Sínodo no Brasil estimulou a edição de revistas, direcionando-as para diferentes faixas etárias<sup>8</sup>, mas de forma mais evidente para as crianças no processo de escolarização.

Independentemente de a assinatura da revista ser individual ou pela escola, a leitura, o uso e o controle passavam pela instituição educativa, com forte vínculo entre ela, a família e a Igreja. Fica evidente que o projeto de educação das crianças contemplava o espírito comunitário dos descendentes de imigrantes alemães e as intenções da instituição religiosa.

Assim, a leitura específica orientada por essas escolas paroquiais era eivada de controle e, ao mesmo tempo, de estímulo e determinada pelas possibilidades de um contexto específico.

Nesse sentido, estudos de Roger Chartier (1992, 1996a, 1996b, 1996c, 2000, 2002) ajudam a entender a leitura como uma prática a ser inscrita na vida social, revelando não somente a intencionalidade editorial ou institucional da construção do texto a ser lido, mas também as formas como os leitores se apropriam dele, como esse texto foi editado e as condições de sua produção. À luz do referido autor, é possível compreender que os impressos e os livros destinados às escolas étnicas religiosas estavam circunscritos por determinadas

**6.** A análise da formação das escolas encontra-se de forma mais detalhada em Weiduschadt (2007). Pelos dados desse trabalho, apesar de algumas escolas comunitárias estarem em funcionamento antes de 1900, data da instalação do Sínodo, logo depois do seu estabelecimento, o crescimento nas décadas seguintes foi consideravelmente elevado. Ainda houve a fundação do Seminário Teológico Pedagógico em 1903, no interior de São Lourenço do Sul (região meridional do RS). Esse projeto visava formar pastores e professores, a fim de ter pessoal capacitado de acordo com as bases doutrinárias do Sínodo.

**7.** Em Weiduschadt (2007), o currículo escolar foi analisado a partir de entrevistas de alunos participantes das escolas, alfabetizados em língua alemã. Ficou evidente que a religião possuía um papel central na escola, pelo incentivo das práticas e dos aprendizados doutrinários e bíblicos.

**8.** O Sínodo produzia anuários para a família, direcionados ao público adulto, circulavam os impressos *Kirchenblatt* e *Der Lutheraner*. Posteriormente, forçados a usar material na língua nacional, foram editados os anuários denominados *Lar Cristão* e *Mensagem Luterano*. Da mesma forma, para o público jovem, foi editada a revista em alemão, *Walterliga*, que depois, em português, passou a se chamar *Jovem Luterano*.

condições históricas e sociais. A elaboração do material impresso decorre de um processo que, de modo nenhum, é neutro e aleatório, e, sim, legitimado dentro de um contexto específico, apresentando descontinuidades e sendo adaptado, muitas vezes, aos leitores que receberão os textos.

Compreende-se também que a apropriação feita pelos leitores não se dá de forma universal: ela apresenta peculiaridades e singularidades no uso dos livros e dos impressos. Os dados permitiram afirmar que as escolas paroquiais estavam organizadas pelo Sínodo de Missouri, e as práticas de leitura foram estimuladas por um projeto envolvendo livros didáticos<sup>9</sup> e impressos destinados ao público infantil.

## Contato com os leitores – comunicação e apropriação

Não se pode dizer que todos os alunos das escolas paroquiais fossem assinantes ou lessem a revista, ou que todas as escolas usassem esse instrumento no seu cotidiano.<sup>10</sup> Há indícios de que o impresso previa o seu uso no meio escolar por meio do contato dos leitores com a revista. O leitor que se correspondia com a revista também era aluno, ou a revista se dirigia ao leitor como se ele fizesse parte da escola. Há uma mescla de apropriações para inserir uma nova prática – o leitor relatando a sua escola, o seu cotidiano, e a redação estimulando o contato. Como explicita Chartier (2002, p. 68, grifo nosso):

[...] a apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritas nas *práticas específicas* que os produzem. Dar assim atenção às condições e processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção do sentido (na relação da leitura, mas também em muitas outras) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, quer sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser desconstruídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

**9.** Do mesmo modo que o Sínodo organizou os impressos em língua alemã, posteriormente houve edição de cartilhas e livros didáticos no Brasil, em português, voltados para a escola

**10.** É possível ter ideia do número de assinantes pela própria revista. Em algumas edições, a partir do final da década de 1950, ela declarou ter 1.200 assinantes, mas, reiteradas vezes, considerava o ideal de 2.000 assinaturas para sua manutenção.

A apropriação está diretamente relacionada com as práticas, é preciso perceber como os leitores instituíram as suas práticas e como os grupos

organizaram os seus modos de leitura. Era comum formar leitores infantis para assumir protocolos específicos de leitura; essas condições históricas, no contexto das famílias e das escolas, visavam estimular determinadas tipologias de leitura: leitura religiosa e doutrinária. A Igreja estipulava um determinado texto bíblico, e ele tinha que ser trabalhado e apropriado, mas o que os leitores faziam, a forma como reinterpretavam e reelaboravam essas leituras dependia das práticas que realizavam, e estas, inevitavelmente, fugiam a esse controle.

A editora tinha necessidade de investir também nas chamadas lúdicas e, por essa razão, as práticas de interação entre leitor e revista eram modificadas, para se adaptar a esse objetivo e chamar atenção do leitor. Isso pressupõe que houvesse desistências e mudanças nos tipos de leitura.<sup>11</sup> Em muitos casos, os leitores continuavam assinando a revista *O Pequeno Luterano*, mas valorizando, primordialmente, os aspectos lúdicos.

As condições culturais e sociais dos leitores não eram tão homogêneas. Nesse período, grande parte das comunidades do Sínodo em que a revista circulava localizava-se na zona rural; portanto, muitos leitores eram filhos de agricultores. Pode-se pressupor que os grupos de agricultores pudessem ser mais facilmente controlados do que os que moravam na zona urbana, pois estes últimos poderiam ter acesso a variedade maior de leituras. Mas, a partir da década de 1950, o crescimento de leitores em áreas urbanas passou a ser considerável. Sabendo que as práticas de leitura dependem da questão cultural e do pertencimento comunitário religioso, elas devem ser diversificadas e, mesmo forçando a apropriação do impresso como forma de legitimar a leitura infantil, há diferenças nas formas e nos modos de as crianças se apropriarem dela.

Talvez, a melhor forma encontrada pela revista para uniformizar determinadas práticas tenha sido o meio escolar. O elo entre a revista e as escolas paroquiais é evidente: os leitores que se corresponderam com a revista, foram, na maioria, senão todos, alunos de escolas paroquiais. Era relevante, para esses leitores, mencionar, em sua correspondência com a editoria da revista, a sua pertença escolar.

Mas, de qualquer modo, o contato que os alunos tinham com a revista também não era único, dependia do contexto e das dificuldades encontradas pela instituição religiosa; algumas crianças liam outro tipo de literatura infantil. A edição de agosto e setembro de 1939, a primeira

**11.** Em muitos momentos, o editorial reclama que os leitores estavam desconsiderando a revista, em razão das revistas em quadrinhos: reforçavam que estes impressos podiam ser mais ilustrados, mas apresentavam grande violência e eram descomprometidos com a religiosidade.

na língua portuguesa, agradece a oferta especial feita pelas escolas paroquiais, explicitando a relação de alunos e a quantidade ofertada.

Fica claro que a estruturação da revista em língua portuguesa foi difícil. A editora pedia, inúmeras vezes, auxílio aos leitores para a manutenção do periódico, por meio de propagandas, e realizava campanhas em prol do aumento de número de assinantes. São vários exemplos retratados no impresso: pedidos de doações num período de enchente (década de 1940), participação em concursos de charadas e de redações, oferecimento de livros infantis para a estruturação das bibliotecas das escolas (década de 1950). Todas essas práticas demonstram o forte vínculo entre o leitor/aluno e a revista.

O recebimento de cartas das escolas na revista era prática comum. Em setembro de 1944, a escola de São Pedro, em uma carta de aluno de Pelotas<sup>12</sup>, enviou a seguinte redação – logo respondida pelo editor –, com intuito de ofertar donativos ao orfanato mantido pelo Sínodo de Missouri:

#### Comunicação

De São Pedro, Pelotas, recebi a seguinte cartinha:

Querido “tio” do nosso “O Pequeno Luterano”

Esta carta tem por fim comunicar-lhe acerca da coleta que nós alunos ajuntamos na festa do Natal ano passado, para a caixa de órfãos de Moreira. Os contribuintes são os seguintes: Elsa Lange, Hilda Lange, Frieda Drews, Roberto Lange e Hugo Kopereck Cr\$ 1,00 cada, Olinda Krause e Nathan Flor Cr\$ 2,00 cada; Davi Flor Cr\$ 2,50. Total Cr\$ 11,50

Almejando ao “O Pequeno Luterano” e ao querido “Tio” a benção de Deus sou com muita estima o seu sobrinho Davi J. Flor”

Caro amiguinho Davi, confesso francamente que a tua cartinha foi animadora para mim. Muito obrigado pelos votos de benção ao “Pequeno Luterano” e seu “Tio”. Aos alunos da nossa escola de São Pedro agradeço as dádivas oferecidas ao orfanato. Vosso exemplo, servirá de estímulo a outros escolares, contribuindo ao sustento dos órfãos de Moreira.

Vós que tendes a felicidade de ter pais, deveis lembrar-vos em particular daqueles infelizes que foram acolhidos no nosso orfanato. Recomendo

ao estudo o apelo neste sentido publicado no número antecedente. “Não vos esqueçais da beneficência e

**12.** Cidade localizada na região meridional do estado do Rio Grande do Sul.

comunicação, porque com tais benefícios Deus se agrada” (Heb. 13:16).  
(*O Pequeno Luterano*, set. 1944, p. 40).

Pode-se perceber que a escola foi estimulada na campanha assistencialista que a instituição religiosa propôs, e, como propaganda, a revista divulgava os relatos da escola, respondendo aos leitores com agradecimentos; e aproveitava para reforçar as orientações bíblicas, ao finalizar o texto com versículo bíblico. Ainda, as contribuições em dinheiro para os órfãos são bem específicas: são citados os valores e apresentados nominalmente os doadores. Essa prática é frequente em boa parte das edições da revista.

Outra forma de a revista manter contato com os leitores eram os concursos de redações sobre temas diversos: em julho de 1947, foi proposto o Concurso Centenário, referindo-se ao centenário da fundação do Sínodo nos Estados Unidos, ocorrida em 1847. Os vencedores até a quinta colocação foram premiados com livros infantis.

Como já foi aqui mencionado, outras estratégias eram utilizadas pela revista, como os concursos para resolver as charadas e as adivinhações, sendo publicados seus resultados no final da revista. Ao final de um período estipulado, os leitores/alunos enviavam as respostas, e ganhava quem tivesse o maior número de acertos. Os conhecimentos eram variados: a maior parte se concentrava no aprendizado bíblico, mas também na gramática da língua portuguesa e ainda, em alguns casos, a revista exibia curiosidades com conotação lúdica, como charadas e adivinhações. Em janeiro/fevereiro de 1961, o editor (“tio”) se dirigiu aos sobrinhos, expondo a publicação de palavras cruzadas para serem resolvidas, orientando os leitores a pedirem ajuda aos pais e aos professores. Assim, pode-se constatar que o entretenimento publicado nas revistas servia para ser trabalhado nas escolas, num projeto envolvendo escolas, famílias e Igreja.

Outra prática difundida na revista foram as campanhas de correspondência entre os leitores de *O Pequeno Luterano*. A criança informava a sua escola paroquial e a localidade, aceitando se comunicar com crianças de outros lugares para trocar informações e notícias. A editoria estimulava essa prática, a fim de promover entre os leitores certa demarcação de suas relações afetivas, ou seja, sugeria aos leitores que se correspondessem preferencialmente com crianças de orientação luterana. Da mesma forma, também foram instituídas campanhas para ampliar o número de leitores, solicitando que os assinantes fizessem propaganda da revista aos seus amigos e colegas das escolas. Em razão dessas diferentes estratégias, constata-se que as apropriações

e o contato dos leitores tiveram resultados relevantes, especialmente na orientação para o uso do impresso nas escolas.

Essas práticas envolviam o leitor: são inúmeras as cartas que os leitores enviavam à redação; nota-se a necessidade de serem nomeados os leitores nas contribuições, no envio de composições, nas respostas a charadas e adivinhações – tudo muito estimulado pelos professores da escola.

## Educação doutrinária – conteúdo central

A educação doutrinária é destaque na revista, na maioria dos textos e dos artigos que compuseram o impresso. Como já foi dito, os eixos denominados na análise: histórias bíblicas, festas religiosas e lição de moral, relacionados com a religião, compõem a maioria do conteúdo das edições.

Nesse sentido, percebem-se os objetivos da instituição do Sínodo de Missouri colocados no impresso. A educação das crianças necessitava do aprofundamento e do conhecimento esmiuçado da Bíblia e da doutrina luterana. Há que destacar a importância de os editores terem formação teológica como pastores e formação pedagógica de professores. O cuidado com a redação dos textos parece ser importante para a edição, especialmente na seleção dos conteúdos.

Em relação às histórias bíblicas, são apresentadas aquelas mais relevantes para as crianças, como histórias da vida de Jesus, a serem seguidas como exemplo pelas crianças, ou ainda histórias sobre os profetas bíblicos que começaram na infância a propagação da fé. Outra exortação doutrinária às crianças, além da confiança em Deus, envolve a obediência e a gratidão aos pais e aos professores, como é reafirmada na história do filho pródigo, a parábola contada por Jesus: o filho pediu a herança ao pai e a gastou, mas o pai o aceitou, assim como Deus nos aceita. Essa história, publicada na edição de setembro de 1946, teve como objetivo lembrar às crianças da importância da obediência aos pais e aos professores.

Muitas práticas religiosas eram instauradas nas crianças pelos enunciados prescritivos de gestos minuciosos e de condutas, a fim de orientá-las a orar. Não bastaria conhecer as histórias bíblicas e a sua aplicação nas condutas, mas também era importante estabelecer os modos como essas condutas deveriam acontecer. O excerto de março/junho de 1946 mostra a imagem de crianças orando e apresenta, logo em seguida, este texto prescritivo, com questões que conduzem os pequenos a fazer um autoexame:

Como devemos orar?

Tu oras? Tu oras seguidas vezes? Tu oras quando estás sentado à mesa? Tu agradeces quando terminaste a refeição? Tu cruzas as mãos em oração quando vai deitar-te de noite? Tu oras quando estás sentado ao lado de teu pai e de tua mãe na igreja? Tu falas em oração com Jesus, o teu melhor amigo, do fundo do teu coração? Deus te ama se fazes isto (*O Pequeno Luterano*, mar./jun. 1946, p.17).

Depois dos questionamentos às crianças, em relação às suas práticas, evidencia-se um controle de comportamento minucioso do corpo, das mãos, do modo de se dirigir a Deus. Referindo-se a essa confiança em Deus, o texto revela o auxílio divino e sua proteção, até mesmo nas práticas escolares, como menciona logo em seguida:

[...] Ele pode auxiliar-te quanto as tuas lições e os teus exercícios difíceis. Ele pode mesmo ajudar-te a amar o menino ou menina que fora tão rude para contigo no outro dia.[...] Experimenta e aprende várias orações bonitas. Faze também tuas próprias orações.[...] Pede-lhe todos os dias que te perdoe os teus pecados e que, te faça cada dia mais parecido com Jesus. E então aprende a orar a oração maravilhosa que Jesus mesmo nos ensinou a orar: [cita o Pai Nosso] (*O Pequeno Luterano*, mar./jun. 1946, p. 17-18).

Assim, a oração é uma prática que deve fazer sentido no auxílio às atividades diárias, às tarefas escolares, ao relacionamento com os amigos.

Da mesma forma, o reforço do aprendizado doutrinário se dava, também, pelas histórias bíblicas relacionadas com os textos lúdicos, por meio de perguntas instigantes sobre personagens bíblicos, com indicação de versículos. Bons exemplos são perguntas e curiosidades da Bíblia, em que mencionam tipos de casas:

Perguntas sobre casas

Em cuja casa trabalhou José do Egito? Em cuja casa se criou Moisés? Qual o povo que durante 40 anos não habitou em casas de material? [...] (*O Pequeno Luterano*, fev./mar. 1957, p. 9).

A apreensão do conhecimento bíblico e doutrinário acentuava-se por meio de per-

guntas, de jogos e de charadas, estimulando o leitor a se interessar pelo assunto, estudando a Bíblia, envolvendo a família e a escola.

As exortações morais, religiosas e escolares eram frequentes na revista e objetivavam formar uma conduta específica no leitor/aluno, que era luterano e assinante.

Outro eixo relevante construído na análise do impresso e que acentua a educação religiosa são as festas religiosas, que seguiam cronograma anual. O Ano Novo significa a comemoração cristã de agradecimento e pedido de proteção na chegada de um novo tempo, a Páscoa representa a salvação de Cristo pela humanidade, Pentecostes é a festa que explica a descida do Espírito Santo para fortalecer a expansão da Igreja, a Festa da Reforma, em outubro, relembra a fixação das 95 teses por Lutero contra a Igreja católica e o Natal enfatiza o presente de Deus: o menino Jesus.

Nas edições relativas às comemorações do Ano Novo, a revista, normalmente, relembra que se está iniciando mais um ano de edição do impresso e, geralmente, inclui, no mês do início do ano, poesias e músicas do hinário luterano.<sup>13</sup> Como exemplo, o texto de janeiro de 1957 exorta aos leitores a rezar pela família, pela escola e pelo professor; reforça todas as práticas das histórias bíblicas, do catecismo, o dever de ser bom aluno; enfatiza que não merecemos nada, a não ser pela graça de Deus; e se encerra com uma prece.

Da mesma forma, na Páscoa e no Natal, as edições específicas dedicam anualmente a essas datas um espaço, apresentando as histórias e as explicações doutrinárias a elas relacionadas.

De modo acentuado, também, nos conteúdos religiosos doutrinários, a Festa da Reforma é destacada pela apresentação da biografia e da história de vida de Lutero, o reformador. São vários textos que abordam sua infância: Lutero como estudante, sua vida como aluno e teólogo, como propagador da reforma; e Lutero como pai, rígido e disciplinador na educação dos seus filhos.

Mas pode-se pressupor que nem sempre os leitores aceitaram facilmente essas

propostas, pois a apropriação que depende das práticas instauradas implica resistências.<sup>14</sup>

Do mesmo modo, o eixo lição de moral enfatizava a educação doutrinária por meio do direcionamento na aplicação moral da conduta e dos modos de ser das crianças, relacionando religião e doutrina. Um excerto que ilustra essa afirmação é

**13.** O hinário luterano era o cancionário usado nos cultos e também nas escolas. Muitas letras de músicas em forma de poesia, retiradas desse material, constam no impresso.

**14.** Foi possível perceber, na análise, muitas reclamações da editoria sobre a falta de comprometimento dos assinantes. Eles estariam deixando de assinar ou de ler como deveriam, porque não estavam participando ativamente da interlocução proposta (*O Pequeno Luterano*, dez. 1956, abr. 1964).

esta história de uma personagem que representa as crianças e considera importante que elas imitem a sua rotina:

#### A semana de Amelinha

Sete dias tem a semana: [...] Seis são dias úteis, os dias de trabalho. O último, domingo, é destinado ao descanso. Os meninos aplicados vão à aula nos dias úteis e não faltam nunca. Menina aplicada emprega muito bem o seu tempo. Assim procede Amelinha. Levanta cedo, recorda as lições e vai contente para a escola. Segundas e quintas-feiras dá bem sabidinhas as lições de história bíblica. Além disso dá de cor as lições de geografia e gramática. Faz os seus cálculos e a sua cópia com muito capricho. Muito gosta Amelinha das terças e sextas-feiras. Ouve com muito prazer o professor explicar o pequeno catecismo de Lutero. Ouve também com prazer contar os episódios da história pátria. Dedicar-se mais neste dia às lições de cívica e faz exercícios ginásticos. As quartas e sábados recita o seu catecismo e os hinos sagrados.[...] Amelinha é aplicada: todos os dias à tarde, borda e estuda as suas lições duas ou três horas por dia. Aos domingos, sim, é que Amelinha está muito contente. Toda bem vestidinha ei-la no caminho à igreja para freqüentar o culto divino. Lá chegado, senta-se quietinha no seu lugar costumeiro, não conversa, não ri e nem se volta para trás.[...] Quereis vós meus pequenos leitores imitar Amelinha? Experimentai! Mas pedi antes a Deus que vos dê força de vontade [...] (Hesse, 1940, nov./dez., p. 46).

O texto revela como deve ser a distribuição do tempo de uma criança durante a semana. O currículo escolar é apresentado nos mínimos detalhes, tendo a religião como disciplina central e evidenciando o incentivo de práticas religiosas realizadas pelas crianças. O controle desse leitor/aluno/fiel<sup>15</sup> é relatado nas formas corporais e na aplicabilidade do tempo na escola, na casa e na igreja.

Nesse sentido, a presença dos elementos religiosos e doutrinários aponta para a instauração de práticas por meio da circulação do impresso. Além desses elementos, as crianças precisavam ser educadas a ser ordeiras e disciplinadas, ou seja, era necessário reforçar ideais cívicos.

**15.** O fiel é aquele que não somente é membro da comunidade religiosa, mas age de acordo com as práticas religiosas estimuladas pela instituição.

## Educação cívica nas escolas

Do mesmo modo que as festas religiosas seguiam um cronograma no ano em curso, as datas cívicas, também um dos eixos construídos no estudo, aparecem em textos e histórias na revista. Essas datas eram apresentadas ao longo do ano, com forte apelo moral e familiar: Dia das Mães, do Professor e dos Pais; e com apelo cívico e ufanista nas comemorações da Semana da Pátria, do Dia de Tiradentes, do Dia do Trabalho, da Proclamação da República, do Dia da Bandeira, entre outros.

As histórias de apelo moral e familiar buscavam integrar a família a princípios religiosos. São apresentados muitos poemas exaltando a mãe e mencionando a conduta das crianças, ao obedecer aos pais e superiores. Um dos poemas – “A boa fada mãe” –, da edição de maio de 1949, revela esses aspectos. Possui dois versos, e seu conteúdo aborda o papel da maternidade e a obediência dos filhos. Encerra-se com o incentivo da redação para recordar o Quarto Mandamento, “honrar o teu pai e a tua mãe”. A doutrina, portanto, também estava presente em datas comemorativas.

As histórias cívicas e ufanistas, nas décadas de 1940 e 1950, eram marcadas pela nacionalização do ensino. A revista fazia pouco havia adotado a língua portuguesa, e a propaganda do Estado Novo e as práticas por ela abordadas, como os desfiles pátrios, estavam presentes na publicação, ao lado da redação de textos sobre conhecimentos de história, apresentados na forma de uma história factual e descritiva, sem discussão crítica do conteúdo histórico. Mesmo sendo mais acentuados os textos patrióticos no período da nacionalização do ensino, a apresentação do ideal cívico permanece como característica de todas as edições.

Com o título “Semana da Pátria em 1941”, é reforçada a exaltação ao governo do Estado Novo, com a menção elogiosa a Getúlio Vargas. A instituição assume uma suposta neutralidade, certamente para apaziguar a perseguição do período. O texto revela um país com harmonia, paz e progresso. Chama os luteranos a orar por Getúlio Vargas.

Os textos ufanistas e patrióticos são bastante recorrentes e estão totalmente inseridos na educação das escolas paroquiais:

### Patriotismo

Que será Patriotismo? Em poucas palavras podemos dizer que é amor à Pátria. Em que ocasiões podemos mostrar este amor? [...] Mas não é só na guerra que podemos mostrar o nosso amor à Pátria. Na paz quando estamos

trabalhando pelo progresso do Brasil, estamos mostrando o mesmo amor daqueles que tombaram nos campos de batalha. E tu, pequeno leitor, tu que freqüentas a escola, será que também tu podes prestar serviço à Pátria? [...] Sê pois, aplicado no estudo, e quando fores maior, põe o que aprendeste, a serviço da Pátria, lembrando a admoestação: “Toda a alma esteja sujeita às potesdades superiores” Rom, 13:1 (*O Pequeno Luterano*, 1950, set./out., p. 68).

É visível a inter-relação escola-Igreja com o patriotismo apregoado nos textos: o projeto de bom cidadão estava facilmente atrelado a bom aluno e a bom cristão, e acredita-se que, por isso, a escola fazia uso dos impressos no seu cotidiano. Havia uma preparação cronológica da edição da revista, relacionada com as datas e as festas, tanto cívicas como religiosas.

## O papel do professor na revista

Como já apontado anteriormente, infere-se a necessidade de o professor auxiliar as crianças na leitura e no acompanhamento do impresso *O Pequeno Luterano*, pelo menos nos textos doutrinários com maior aprofundamento.

Mas, em muitos momentos, a revista se dirige especificamente ao professor, como, por exemplo, em anúncios de material didático e livros para os professores fazerem uso na sala de aula. Da mesma forma, orienta os modos de conduta e de comportamento desse profissional, que, na visão da instituição, deveria ser luterano.

Muitos textos prestam homenagens a esses profissionais, ressaltando a sua capacidade e seu amor ao trabalho. Algumas vezes, os próprios leitores/alunos, escrevem, nas cartas à editoria, mensagens elogiosas ao seu professor.

Um dos textos inclui informações sobre material didático de apoio aos professores, anunciando livros de recreação e jogos e de dramatizações escolares, como menciona o excerto:

Aos professores

Qual a criança que não gosta de brincar, inventando, nas mais variadas oportunidades, representar um professor, uma mãe, um médico, um motorista, [...] É natural, portanto, que a escola, em seu empenho de aproveitar as atividades espontâneas da criança, use seu interesse dramático como

poderoso meio educativo. Por estas e outras razões, nossos professores jamais devem descuidar em proporcionar aos seus alunos programas teatrais de molde recreativo e, ao mesmo tempo, educativo. Não é menos verdade, entretanto, que os professores lutam com a falta de material adequado na elaboração de tais programas. E, precisamente, por isto, houve por bem recomendar a obra (*O Pequeno Luterano*, jul. 1962, p. 11).

Logo em seguida, são apresentados dois livros, com a indicação dos preços e dos autores das obras. O anúncio dos livros como apoio didático leva a inferir que os professores liam a revista para usá-la na escola. O texto se utiliza de propaganda de métodos e inovações para os professores, estimulando-os a utilizar mais novidades nas suas aulas, por meio de teatros e dramatizações. O alerta aponta as dificuldades enfrentadas pelos docentes, como a falta de material para a elaboração de aulas mais criativas.

Os professores também são alvo de controle por parte do periódico, mas tentam resistir e se apropriam das publicações de diferentes formas e de acordo com a necessidade. Eles são cobrados pela editora a usar a revista e a estimular sua assinatura pelos alunos e são também criticados por não saber usar o periódico, apesar dos anúncios e dos esforços da revista. Talvez os docentes buscassem maior autonomia nas escolhas. Apoiando-se nos estudos de McKenzie, que insiste em conhecer como o texto foi produzido historicamente, Chartier (2002) retoma essa ideia a partir da diferença entre obras com mesmo conteúdo e com edições diferentes, produzidas em tempos diversos: sua produção histórica determina, quase sempre, outras, diversas formas de apropriações e variadas práticas de leituras. Por isso:

[...] “Novos leitores criam textos novos cujas novas significações dependem diretamente de novas formas”: a observação designa com acuidade o duplo conjunto das variações das competências, das expectativas, dos hábitos de leitores; de outro, variações das formas nas quais os textos são dados a ler – que deve levar em conta toda a história preocupada em reconstruir a maneira como os leitores produzem sentido apreendendo um texto (Chartier, 2002, p. 251).

A análise acima quer mostrar a inter-relação com seus leitores e o compromisso com a produção do texto. A revista foi produzida por mais de três décadas e, nesse

período, houve mudanças didáticas e pedagógicas no campo escolar e no contexto social. Para os seus editores, ao longo desse tempo, o periódico precisava manter os mesmos objetivos e protocolos de leitura: orientação religiosa e doutrinária, assim como espaços didáticos, e, como forma de atração, a abordagem lúdica e publicitária.

Ao observar as mudanças históricas, percebe-se que, na década de 1960, os anúncios publicitários eram mais recorrentes, porque surgiu outra configuração dos docentes nesse período, tornaram-se necessários outros saberes pedagógicos, que extrapolavam o limite das escolas. O espaço da escola paroquial foi substituído pelas escolas dominicais. A configuração dos leitores infantis e dos leitores professores alterou-se também: não mais possuíam sempre e exclusivamente o espaço escolar, pois o espaço doméstico e o religioso incorporaram-se à vida desses leitores. Não obstante, as práticas lúdicas e publicitárias ainda buscavam convencer os leitores, tentando manter constante a interlocução.

A materialidade do impresso modificou-se, devido às necessidades e às aspirações dos leitores: no início, as imagens eram desenhos de baixa qualidade e usadas repetidamente; com o passar do tempo, ocorreu o aumento do uso das fotografias de paisagens e de crianças, com o intuito de criar uma maior identificação com os leitores. Mas nem sempre esses objetivos eram cumpridos; por isso, o periódico investiu na formação do professor, a fim de fazer dele um profissional com obrigação de convencer as crianças a continuar sendo assinantes da revista.

Muitos relatos, mesmo se dirigindo às crianças, referem-se ao comportamento do professor e afirmam a necessidade de ele ser piedoso e luterano. Além disso, indicam o conteúdo a ser ensinado.

#### O grande valor da vossa Escola Paroquial

Até que recebeis o primeiro número do Pequeno Luterano deste ano, já estareis na aula paroquial. Ali tendes um professor piedoso, luterano, para vos ensinar, ou talvez uma professora temente a Deus, luterana, para vos instruir. [...] Na escola paroquial ajuntais um rico tesouro de histórias bíblicas [...] Na escola estais decorando numerosas passagens da Sagrada Escritura que dia após dia vos servirão de esteio [...] Que sabe uma pobre criança pagã de si mesma, de Deus, da morte, do juízo final, do céu, da maneira de ser salva? E aqui em nosso querido Brasil há milhões de crianças, que, embora aprendam histórias bíblicas e decorem versículos da Bíblia es-

tão sendo guiadas num falso caminho ao céu. [...] Ó benditas crianças, com o que aprendeis em nossas escolas, mais sabeis do que os maiores doutores e professores descrentes [...] (Mueller, 1956, jan./fev., p. 9-11).

Esse texto valoriza a conduta do professor piedoso, luterano, enfatiza a doutrina ensinada. Dirige-se ao leitor, evidenciando a vantagem de a escola estar perto do verdadeiro saber, ou seja, não adianta ser sábio e não aprender a doutrina ou aprender doutrinas falsas. A edição propõe aos fiéis terem procedimentos que os diferenciem de outras denominações religiosas:<sup>16</sup> não bastaria decorar e ler versículos bíblicos, pois é preciso crer na verdadeira doutrina luterana. Tal mensagem se propõe a reforçar no professor a ideia de como deve ser conduzido o ensino doutrinário e o que deve ser valorizado e adotado nas escolas.

## Considerações Finais

O impresso *O Pequeno Luterano* circulou na esfera familiar, escolar e religiosa, e essa circulação em vários campos foi possível, em grande parte, pela organização curricular das escolas paroquiais da instituição do Sínodo de Missouri.

Pode-se inferir que, por ter sido o impresso editado num período em que a organização era mais bem sistematizada nas escolas paroquiais, foi facilmente direcionado a um projeto comum da instituição na educação de seus fiéis.

Uma das estratégias mais evidentes pode ser observada no formato e nos conteúdos da revista, como o cronograma de atividades ao longo do ano letivo e o estímulo ao contato dos leitores/alunos com a revista, em que relatavam o cotidiano da escola.

Se um dos projetos do Sínodo era expandir a educação doutrinária dentro de seus princípios, a revista conseguiu estar alinhada a esses objetivos, pois a maioria dos títulos, em termos quantitativos e qualitativos, esteve marcada por orientações doutrinárias, bíblicas e de conduta religiosa.

Como eram recorrentes textos de cunho doutrinários, muitos eram exageradamente aprofundados, parecendo haver necessidade da intervenção do professor. Pode-se supor, portanto, que a revista fosse direcionada para ser usada na escola

como apoio didático.

Essa hipótese é revelada também em textos e anúncios de material didático, direcionados aos professores. Assim, o conjunto de dados analisa-

**16.** As diferentes denominações religiosas concorrentes eram também consideradas luteranas. Uma delas foi o Sínodo Riograndense (atual IECLB), além das Igrejas luteranas independentes. Ambas disputaram espaço com o Sínodo neste contexto.

dos permite afirmar que o impresso foi um forte veículo informativo, educativo, utilizado nas escolas paroquiais, demarcando e constituindo uma educação doutrinária entre leitores aos quais se destinou, ao mesmo tempo que era legitimado por meio das práticas dos leitores – alunos e professores.

O impresso buscou criar uniformidades na educação das crianças e na formação dos professores. Mas o texto lido depende da atitude e das práticas dos leitores (Chartier, 2000). Pode-se afirmar que inúmeras práticas de leitura e diversas apropriações foram realizadas pelos leitores envolvidos, lembrando que a apropriação não é universalizante (Chartier, 2000), mesmo se tratando de grupos aparentemente tão homogêneos. Embora pertencentes ao mesmo grupo religioso e comunitário e preparadas pela esfera religiosa, escolar e familiar, as práticas de apropriação possuem especificidades, porque dependem do que deve ser realizado e porque são dinâmicas e constituídas historicamente.

## Referências bibliográficas

- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 215 p.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a. p. 231-254.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b. p. 77-106.
- CHARTIER, Roger. *El mundo como representación: estúdios sobre historia cultural*. Barcelona: Gedisa, 1996c. 276 p.
- CHARTIER, Roger. *Las revoluciones de la cultura escrita*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 212-237.
- HESSE, Walter. A semana de Amelinha. *O Pequeno Luterano*, Porto Alegre, p. 46, nov./dez. 1940.
- MUELLER, George. O grande valor da vossa Escola Paroquial. *O Pequeno Luterano*, Porto Alegre, p. 9-11, jan./fev. 1956.
- O PEQUENO LUTERANO – Revista Oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, 1939-1966.
- SHARTZMANN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: EDUSP, 1984. 250 p.
- SOUZA, José Carlos Araújo; GATTI, Décio Junior (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados, 2002. 225p.
- WEIDUSCHADT, P. *O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XXI – identidade e cultura escolar*. 2007. 253 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, Pelotas, 2007.

*Submetido à avaliação em 7 de maio de 2013.*

*Aprovado para publicação em 25 de agosto de 2013.*